

“Europa tem uma hipótese: jogar ao ataque”

September 20, 2012



(<http://pontofinalmacau.files.wordpress.com/2012/09/2602-1.jpg>)
 Manuel Lopes Porto, professor da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra e ex-eurodeputado, defende uma política de abertura da Europa, “sem complexos” em relação ao investimento chinês. A estratégia vai ter consequências no direito do trabalho, mas “é possível manter o modelo social europeu”.

Sónia Nunes

Manuel Lopes Porto é professor catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra e está em Macau para participar num seminário da Cátedra Jean-Monnet da Universidade de Macau. Amanhã, propõe uma reflexão “ao cair da tarde” sobre a “China e a Europa face à globalização”, num debate promovido pela Fundação Rui Cunha. A conferência está marcada para as 18h30 e recua até 1820 para mostrar que o

mundo dá grandes voltas quando, em 2050, a China e a Índia conseguirem mais de metade da riqueza mundial. O ex-eurodeputado projecta ainda o velho continente numa nova ordem internacional, com “flexibilidade” na contratação de mão-de-obra e “concorrência apertada” – mas sem abrir mão da protecção social.

- Num mundo globalizado que tem China como segunda economia que Europa queremos ter?

Manuel Lopes Porto – É curioso ver a evolução do mundo. Há menos de 200 anos, em 1820, a China e Índia detinham 42 por cento da riqueza mundial, a China com 27,8 por cento – tinha, na altura, um PIB [Produto Interno Bruto] muito superior ao que é hoje o da Alemanha. Houve, depois, uma quebra destes dois gigantes. Mas no século XXI vamos ter um novo quadro mundial: mantém-se a tríade Europa, Estados Unidos e Japão, e aparecem estes países emergentes (os BRIC, Brasil, Rússia, Índia e China) que vão ser grandes potências. A previsão é que a China e Índia tenham, em 2050, 54 por cento da riqueza mundial. Qual é posição da Europa? Será sempre um continente forte. Vai ser multipolar, temos de contar com eles [China e Índia] como parceiros.

- A Europa está seguir essa via?

M.L.P. – A Europa, felizmente, está seguir uma estratégia de não se fechar e tentar competir nos mesmos tabuleiros. É possível? É. Há esta ideia de que não é possível competir com países com uma mão-de-obra mais barata. Mas vemos que na Europa há de tudo: o que está menos bem, Portugal, e o que está bastante bem, a Alemanha, que tem salários altos, sindicatos livres, alternância política e um superavit de mercadorias superior à China. A Suíça, que tem salários bem altos, está em primeiro lugar na lista da competitividade mundial. A concorrência vai ser feita

através de um comércio intersectorial, em que toda a gente produz tudo, mas gamas diferentes de cada produto. É uma concorrência muito mais apertada, mas onde a Europa tem condições para manter uma posição de relevo.

- Para isso será obrigada a rever o modelo social que tem? Essa escala de comércio internacional vai influenciar o direito do trabalho, por exemplo?

M.L.P. – Estou convencido que podemos manter o modelo social europeu, que permite a máxima eficácia. A ideia de que é preciso ter pessoas sem condições sociais para poder explorar a sua mão-de-obra e competir não é verdadeira. Temos os exemplos da Alemanha e da Suíça. O modelo permite ter pessoas com boas condições de vida e isso qualifica o trabalho. Por outro lado, uma população bem paga permite um poder de compra. Não podemos manter um alto nível de produção sem consumo. O que se discute é a flexibilidade do modelo, a ideia da flexisegurança, ensaiada pela Dinamarca. Num país rico é possível ter flexibilidade na contratação, mas condições de apoio social enormes quando a pessoa está desempregada. O que adianta haver uma grande rigidez no mercado de trabalho se a pessoa está desempregada? Se estou desempregado o que me interessa saber que quem está empregado está lá para a vida toda? A minha preocupação vai mais para os desempregados. Se há preocupações sociais verdadeiras têm de existir em relação a todos os cidadãos. E os mais carenciados são os desempregados.

- Essa flexibilidade não implica perda de direitos dos trabalhadores?

M.L.P. – Os direitos mantêm-se. Pode é haver mais flexibilidade na contratação para permitir que mais pessoas tenham emprego. Se há uma grande rigidez, não se contrata ninguém, nem se toma a iniciativa de ter um negócio. Só se toma uma iniciativa se não se correr riscos exagerados. Volto à Dinamarca: o modelo permite meios financeiros para sistemas de segurança que permitem manter as pessoas desempregadas e reorientá-las para novos empregos. Sem negócios, não há economia.

- Espera-se também uma influência no direito comercial e económico?

M.L.P. – Há consequências no direito do trabalho e tem que haver noutros ramos do Direito, sobretudo no que diz respeito à flexibilidade na implantação dos negócios. Em Portugal, estamos a melhorar. Há que facilitar a montagem de negócios. Licenças para produção, etc., tem de ser tudo flexibilizado para que não seja penoso fazer um investimento. São as tais reformas estruturais que são precisas para que não haja impedimento às iniciativas.

- Há empresários chineses que se queixam da dificuldade de investir na Europa. Referem-se sobretudo aos vistos de trabalho, autorização de residência, regime laboral e sindical. Que resposta dar-lhes?

M.L.P. – Temos de flexibilizar e não ter complexos. Foi interessante e emblemática esta participação de uma empresa chinesa na EDP. Mostra uma abertura e que não estamos receosos. Estamos num mundo novo: a maior siderurgia da Europa é indiana, não europeia. Qual é o mal? Nós também podemos investir nestes países, temos de ter condições de igualdade numa casa e noutra. Há um caso de grande êxito que costumo citar, a Autoeuropa em Palmela, da Volkswagen: com investimento alemão em Portugal, estamos a aumentar muito a venda dos veículos e grande parte é para a China. Só há vantagem na abertura. Porque é que a China e Índia retrocederam, no fim do século XX e agora estão a recuperar? Fecharam-se em relação ao mundo. E viram que estavam a crescer em economias asiáticas abertas.

- A abertura não traz riscos? Há quem alerte para um efeito dominó em curso, ainda que muito lento. A China começa a crescer menos.

M.L.P. – As vantagens da abertura são muito maiores do que os riscos. Trabalhei para o Banco Mundial, nos anos de 1980, num projecto enorme: liberalização do comércio e políticas de ajustamento. Examinámos 19 países. A conclusão nítida foi que os períodos de abertura das economias foram sempre mais favoráveis do que os períodos de encerramento. O que se passou na China e na Índia é um caso sem paralelo na história da humanidade – houve, durante 20,30 anos, um crescimento regular, sem parar, na casa dos oito, nove e dez por cento. A Índia vai crescer mais porque a China tem um factor que a vai prejudicar um pouco: uma população envelhecida. É natural que não haja a possibilidade de manter o mesmo ritmo de crescimento. Fala-se em pessimismo do futuro, mas o mundo está muito melhor do que estava.

- E com menos divergências entre a Europa e a China?

M.L.P. - Penso que não há divergências. Julgo que vai haver uma conjugação de esforços. Nós, europeus, somos defensores de certas condições sociais, ambientais, etc. Mas quando estamos a promover condições sociais e ambientais, estamos a defender os nossos produtores da concorrência e os cidadãos da China. Quando defendemos melhores condições sociais, os primeiros beneficiados são os cidadãos da China. Se há uma cimeira que exige melhores condições ambientais quem é beneficiado é quem não as tem. É isto que tem ser explicado. Estamos num mundo completamente novo. A Europa só tem uma hipótese: jogar ao ataque. Lutar. Há um livro, “The Asian Drama” [“O drama asiático”], de Gunnar Myrdal, que quando se lê agora dá vontade de rir. Foi escrito em 61, como se a Ásia não tivesse hipóteses. Se a Europa se fechar e não jogar ao ataque, haverá alguém que, em 2050, escreverá o livro “The european drama” [“O drama europeu”].

from → [Uncategorized](#)

No comments yet

[Blog at WordPress.com.](#)

Theme: [Vigilance](#) by [The Theme Foundry](#).

Follow

Follow “Ponto Final”

Powered by [WordPress.com](#)